

REDE NACIONAL DE TELEJORNALIS UNIVERSITÁRIOS: UMA PROPOSTA NA INTERNET¹

Antonio BRASIL²
Cárlida EMERIM³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele)

Resumo

O presente artigo quer trazer a discussão, pautada nesta proposta de olhar a televisão ou as práticas de produção televisiva a partir de suas possibilidades e restrições, um estudo de caso sobre as possibilidades de produção televisiva de telejornais para serem exibidos na internet. Bem como propõe uma relação direta das práticas de mercado com as de ensino em prol de uma formação mais ativa, lúcida e engajada dos jornalistas que pretendam atuar em televisão. Outro objetivo é o de indicar uma proposta ou modelo de produção que possa servir de ponto de partida para colocar em rede as produções de telejornais universitários diários através da internet.

Palavras-chave

Telejornalismo; Internet; Telejornal; Modelo produtivo; Linguagem e Gramática.

1. Plano de ensino

A relação entre o ensino e a produção de telejornalismo no mercado carece de estudos cujo objetivo seja, em primeira instância, potencializar a formação de jornalistas para atuarem em telejornalismo e, em consequência, refletir em práticas positivas neste mercado específico. Ocorre que ensino de Jornalismo de TV ou Telejornalismo sempre enfrentou grandes dificuldades. Primeiro, o distanciamento entre os dois setores e o preconceito fomentado contra o meio televisivo nas universidades de modo geral; segundo, as condições técnicas e profissionais para simular/replicar/ou até mesmo de aproximar a realidade da produção telejornalística às universidades visto que este tipo de processo de ensino e aprendizagem sempre exigiu uma prática laboratorial específica e dispendiosa.

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), em Fortaleza (CE), 2012.

² Jornalista, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Ciência da Informação, professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Vice-Coordenador do GIPTele, antonibrasil@gmail.com.

³ Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Coordenadora do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele); carlidaufsc@gmail.com.

Por outro lado, o percurso intelectual não ocorre de forma direta nem imediata. Ele depende de muitas leituras, confrontações e reflexões. E, mesmo assim, às vezes se percebe que os pressupostos estão sob a égide do idealismo. Ao longo da história recente dos estudos sobre a televisão têm-se muitas afirmações e certezas que se fundam em como a televisão **deveria ser** ou **fazer** sua história e produtos. Poucos dedicam-se a compreender o que ela **realmente pode fazer**, ou **faz**, a partir de suas possibilidades e restrições produtivas.

Arlindo Machado chama a atenção, num livro publicado em 2000, sobre o esforço de alguns críticos em afirmar e catapultar o fazer televisivo a produtos sem qualidade, sem identificação com as vertentes mais elitizadas da arte, ou seja, não tem condições de ser mais do que mediano em seus resultados e, ainda, a televisão nunca poderá assumir uma posição de vanguarda, devido principalmente, a sua concepção massiva. Ainda, na observação de Machado:

Olhamos para a história da televisão e vemos o que? Não vemos nada, a não ser lixo. Mas não vemos nada porque nos recusamos a ver, porque ficamos cegos quando encaramos a televisão. As experiências estão lá, muitas delas tão grandes e fortes quanto o cinema de Welles e Eisenstein, mas os nossos pressupostos teóricos e metodológicos (os adornos e macluhans que ficam soprando em nossos ouvidos) nos impedem de enxergá-las. (MACHADO: 2000, pg.03).

Essa situação hegemônica e predominante do meio televisivo merece uma análise mais profunda e atualizada. Afinal, estamos lidando com uma área do jornalismo que apresenta uma enorme capacidade de influência social e política responsável, diretamente, pela formação da opinião pública nacional. Uma área extremamente dinâmica e em constante evolução, tanto no seu formato tecnológico quanto no seu conteúdo e na sua linguagem informacional.

Se é assim com a televisão que, de certa forma, está disponível para vermos, imagina com as produções que não tem o espaço de exibição de um canal de televisão, mas que não deixam de ser produzidas há anos e de forma expressiva: **as produções universitárias**. Estas produções televisivas, de diferentes gêneros e formatos, que ocupam um grande espaço de arquivos em universidade e centros de ensino no país, sequer podem ser criticadas, tão pouco analisadas ou servir de modelo/parâmetro do que pode ou não ser produzido ou experimentado. Isto porque não há um espaço para a visibilidade deste tipo de produto. Mas os avanços tecnológicos e a própria abertura de novas possibilidades de

transmissão de dados e informações, principalmente aquela advinda da internet e da digitalização de imagens, está provocando uma mudança deste cenário. E, estas inúmeras produções que antes não saiam do restrito espectro das salas de aulas, hoje podem ser vistas por diferentes pessoas no mundo, quando depositadas na *nuvem* ou na rede de distribuição propiciada pela internet, e-mails, pelo *Youtube* e, até mesmo, o *Facebook*, entre outros sistemas e portais. Também é importante apontar algumas situações contextuais que restringem o desenvolvimento deste campo tais como **a dificuldade de acesso a produções antigas** – não se sabe como se fazia telejornalismo no passado (no mercado comercial quanto mais os universitários) e, mesmo com a internet essa visibilidade ainda é restrita, o que de certa forma limita os parâmetros; **o engessamento de muitos modelos de análise** que, em sua maioria, ou partem da mídia comercial para compreender uma produção que não segue as mesmas lógicas mercadológicas, no caso das universitárias, ou vice versa; e, por fim, **o momento de reconfiguração** pelo qual o campo do **telejornalismo** perpassa na sociedade contemporânea, em especial, a brasileira.

Diante do cenário brevemente descrito acima, o presente artigo quer trazer a discussão, muito mais do que conceitos fechados e teorizados, pautada nesta proposta de olhar a televisão ou as práticas de produção televisiva a partir de suas especificidades, um estudo de caso sobre **as possibilidades de produção televisiva de telejornais universitários para serem exibidos em rede na internet**, talvez indicando um modelo de produção. Outro objetivo é de explicitar a importância de propor uma relação direta das práticas de mercado com as de ensino em prol de uma formação mais ativa, lúcida e engajada dos jornalistas que pretendam atuar em televisão.

A experiência abrangente e significativa na prática profissional televisiva dos autores fundamenta uma crença do trabalho no que concerne à observação e a investigação sobre o campo telejornalístico brasileiro pelo ângulo de sua formação acadêmica, partindo de análises que imbricam tanto a experiência já descrita quanto os investimentos em ensinar telejornalismo e transferir o conhecimento adquirido, na expectativa de contribuir para mudar o telejornalismo brasileiro pela formação do seu futuro profissional.

Uma premissa que baliza a reflexão ora apresentada fundamenta-se na necessidade mais do que urgente de aproximação entre o mercado e as universidades como ação fulcral para o desenvolvimento do jornalismo televisivo. Pois, se de um lado, critica-se o meio telejornalístico que carece de profissionais comprometidos com a qualidade técnica. E, igualmente, comprometidos com a ética e a capacidade de buscar a alternativa mais correta

para as regras mercadológicas, de forma que o cidadão comum seja privilegiado com a melhor informação. Também, por outro, em muito pouco a formação acadêmica tem contribuído para modificar estes resultados haja vista que raramente constitui-se de um espaço, que o é por excelência, deste percurso formativo televisivo proporcionando aos alunos, através das produções universitárias, o domínio das técnicas e práticas vigentes. Nem, tampouco, privilegiando o espaço para as experimentações e a busca de novas possibilidades expressivas e produtivas. A relação menos preconceituosa e dogmática entre academia e mercado só teria a fortalecer ambos, privilegiando a sociedade, o receptor final de todo este processo. Um exemplo do ganho destas parcerias está em uma possibilidade de um professor conhecer e, até mesmo, de participar do processo de avaliação e seleção dos estagiários para o universo do mercado telejornalístico. O professor, dentro da universidade, de modo geral, fica completamente alienado dos critérios de seleção das empresas. Ter acesso a eles poderia ser uma maneira de qualificar e atualizar os profissionais do ensino bem como potencializar este mesmo ensino na tentativa não se servir apenas ao mercado, mas de poder ofertar mais e melhores jornalistas preparados adequadamente para atuar em telejornalismo e, de quebra, serem selecionados para as melhores vagas na mídia televisiva brasileira.

Outro ponto importante é o fomento de discussões sobre o ensino fora dos âmbitos fechados das universidades e foruns específicos. A visibilidade de artigos analíticos ou críticos, nos grandes eventos de comunicação e jornalismo do país, que privilegiem o ensino como base fundamental para as mudanças no campo da produção de comunicação, de modo geral, são muito raros. Um caminho seria o de propor pensar o processo como um todo que parte da formação para análise da produção final, ou seja, os produtos em cena na sociedade.

É neste contexto no qual o artigo se insere, embora centre-se numa possibilidade de ensino que oferece visibilidade e engajamento de rede aos produtos universitários. Para tanto, precisa antes, contextualizar este espaço do ensino em sala de aula de telejornalismo, por isso, inicia fazendo uma proposta de conceituação sobre o telejornal universitário, depois, uma apresentação sobre as principais fases da produção de um telejornal universitário, observando as disciplinas que, de certa forma, propiciam este tipo de exercício prático de produção. Na segunda etapa, propõe a recuperação na bibliografia sobre o tema algumas pressuposições e reflexões que apontam as potencialidades deste tipo de produção bem como a capacidade produtiva de qualidade e de conteúdo. E, por fim,

analisa o caso do TJUFSC, o telejornal universitário diário da Universidade Federal de Santa Catarina produzido e veiculado pelos alunos do Curso de Jornalismo. Nas considerações finais, propõem-se refletir sobre o modelo e prospectar avanços e soluções para este tipo de produção, telejornais universitários em rede na internet.

2. Cronograma de aulas ou “como se ensina a produção de telejornal no Brasil”

Em artigo anterior⁴ constituiu-se uma proposta de conceito para o que poderia definir, com mais abrangência e pertinência, o que seria um telejornal bem como um telejornal universitário. Na concepção dos autores, **telejornal**, a partir da compreensão clássica, pode ser entendido como **um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos e por temas, geralmente exibidos com horário, cenário e apresentadores fixos**. A partir dele e articulando com o conceito de **jornal laboratório**, proposto por LOPES (1989):

(...) o jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. (LOPES, 1989, p.50).

Pode-se propor, numa concepção mais comum, que o **telejornal universitário** (ou **laboratório**) constitui-se como **um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas num produto audiovisual com vistas a permitir o exercício prático da produção de notícias para a televisão**. Partindo destes conceitos de base, explicita-se a seguir, uma contextualização, grosso modo, sobre o ensino da produção de telejornais nas universidades.

Na universidade, de modo geral, os alunos começam a ter contato com as práticas de produção da metade da graduação em diante, mais ou menos depois de dois anos de estudos teóricos e reflexivos. Algumas escolas já têm investido em mudar este padrão e iniciam os estudantes às práticas produtivas mais cedo. Porém, muitas escolas iniciam alunos em práticas sem lhes dar o suporte necessário para executá-las, não só em termos de estrutura

⁴ BRASIL, Antônio; Cárlida EMERIM. *Reflexões sobre o ensino e a produção de telejornais na universidade*. In: Anais do II Seminário Nacional de Ensino de Jornalismo promovido pela Universidade do Tuiuti, (Curitiba/PR), através do projeto PROCAD JOR. Curitiba (PR), 2011.

física, equipamentos e orientação de como produzir, que é o mais importante. Afinal, na grande maioria dos cursos universitários de jornalismo no país, se oferece o ensino da disciplina telejornalismo geralmente em um ou talvez dois semestres, no máximo, com poucas exceções.

Ou, mais ainda, ensinam alunos a odiar a televisão pelas suas características massivas, de exibição de imagem e de imediatismo e/ou rapidez com que transmite. Se não se sabe produzir para a televisão, provavelmente, não será possível mudá-la ou “qualificá-la”, como preconizam ainda muitas críticas atuais encontradas em eventos e livros produzidos pela academia. As mudanças surgem quando se tem domínio de linguagem e de gramática específica de produção, só se pode mudar algo que se conhece e sabe fazer. Por linguagem e gramáticas específicas entende-se as rotinas produtivas que **enformam** e **conformam** este tipo de produção e que variam em algumas instâncias, mas são padronizadas em outras, permitindo uma identificação direta e representativa do que seja um produto telejornalístico.

No jornalismo de televisão, nos programas de entretenimento e de diferentes gêneros, sub-gêneros e formatos, o diferencial só ocorrerá quando profissionais que dominam as práticas comuns de mercado, ou seja, as rotinas produtivas, a linguagem e a gramática produtiva, tenham a capacidade de pensar sobre seu próprio fazer quando estão atuando em televisão, ou seja, na ativa, trabalhando nas emissoras e construindo o jornalismo televisivo na prática. Quando estes profissionais desenvolverem domínio de produção a ponto de construir novas possibilidades sem que tenham que sair do mercado (retirando-se para estudar a teoria – que, na maioria das vezes os afastará da televisão, mais do que ensiná-los a fazer melhor), será possível efetivar mudanças reais em muitos âmbitos do que costumamos conhecer como mercado televisivo.

Por tudo que já se ponderou, o ensino de telejornalismo é um exemplo referencial do grande desafio atual para as faculdades no Brasil, pois este paradoxo já foi discutido amplamente em diversos artigos publicados ou em seminários acadêmicos, mas as conclusões continuam indefinidas. Muitos professores de Telejornalismo há anos vêm, isoladamente, tentando oferecer alternativas a esse quadro pessimista dentro das universidades brasileiras. Mas, não é nada fácil.

Segundo o Sebastião Squirra⁵, doutor em Telejornalismo, o problema está na própria natureza do Telejornalismo e do seu ensino que propõe ainda uma didática estática numa profissão essencialmente dinâmica:

A mensagem telejornalística requer uma abordagem precisa e cuidadosa. No ensino de telejornalismo acredito que estes são os conhecimentos e valores que só se adquirem produzindo, avaliando, redirecionando, mudando posturas, voltando a produzir, numa infundável espiral que evidencia que a escola deve vivenciar o espírito que rege a vida prática das redações e centros de produção audiovisual. Os grandes exemplos nos mostram que a reflexão e a experimentação contínua moldam excelentes produtos. (SQUIRRA: 2000)

Dessa forma, o telejornalismo refletiria a cultura predominante em nossa sociedade com os seus valores e estereótipos representados no meio televisivo, ou seja, o telejornalismo reflete o país na medida em que a mídia reflete nos seus produtos as necessidades da sociedade e o público legitima-os através da audiência, reforçando a tese de que *a sociedade se vê na mídia e a mídia busca na sociedade os elementos essenciais na formação dos seus produtos*⁶.

Segundo o Luís Carlos Bittencourt, autor de um dos principais manuais de telejornalismo e profissional com larga experiência na área, o problema é ainda mais complexo, conforme a descrição de uma de suas falas em encontro não acadêmico: *o grande desafio é mudar linguagem e conteúdo alternativo aos modelos do tipo Jornal Nacional, RJ etc. É aí que passa a formação de opinião e construção de modelos únicos. Por isso acho que é preciso relativizar. No dia em que fizermos experiências alternativas ao JN estaremos dando um passo essencial na busca de modelos mais democráticos de telejornalismo, telejornais que levem com transparência a notícia com informação e contexto, contribuindo para formar opinião crítica. Isso envolve forma e conteúdo. Nos modelos existentes não dá para levar conteúdo. Os programas jornalísticos podem levar mais, porque são maiores, há mais tempo, entrevistas etc., mas não são os meios fundamentais de formação de opinião, pelo menos atualmente e por mais alguns anos. Qualquer experiência neste sentido, isto é, com modelos de programas jornalísticos, ainda serão incipientes. Novidade seria experimentar, por exemplo, o videojornalismo que você defende. Contribuir para desenvolver uma linguagem apropriada que modele uma*

⁵ Anotação obtida numa palestra proferida no IV Seminário de Telejornalismo, ocorrido na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2000.

⁶ Noções inspiradas no trabalho de John B. Thompson. In: THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

linguagem audiovisual com sintaxe própria. Há uma questão importante que é a percepção humana, que basicamente é 70 por cento visual. Só no dia em que estudarmos melhor a percepção humana, caracterizando os pesos específicos da percepção visual e da auditiva, seus mecanismos de cognição, e o desenvolvimento de uma sintaxe própria para a visual, aí sim, nós estaríamos dando um passo grande no desenvolvimento teórico e prático. Esse estudo é importante, e pode ser um dos nossos objetivos.⁷" (Conforme declaração pessoal)

Em relação ao ensino de telejornalismo no Brasil, partindo da revisão da bibliografia, pode-se apontar a existência de diversos manuais de telejornalismo escritos por profissionais competentes, com larga experiência, tanto de mercado como de ensino em cursos superiores de comunicação e jornalismo. Tais manuais procuram fazer uma compilação do conhecimento técnico do "fazer" telejornalístico em suas diversas etapas para o estudante de jornalismo que necessita de referências claras sobre como produzir reportagens telejornalísticas num breve espaço de tempo. Esses mesmos guias profissionais, apesar da grande contribuição que ofertam na tentativa de oferecer informações adicionais e didáticas na forma de ilustrações e diagramas, sofrem com a própria natureza das características inerentes à mensagem escrita publicada em livros: a televisão é um meio com predominância imagética. Este tipo de produto impresso limita sensivelmente o ensino de diversas áreas importantes do saber telejornalístico como a **produção e edição de imagens**, por exemplo. Ou, em casos mais extremos, os manuais de telejornalismo, apesar de insistirem na importância do ensino das técnicas de "casamento de imagens com texto" para a produção da informação no meio televisivo, encontram dificuldades, muitas vezes intransponíveis, na exemplificação didático-pedagógica específica para os alunos. Desta forma, a transferência do saber acumulado em tantos anos de prática telejornalística por parte de profissionais ou mesmo de professores esbarra na especificidade do próprio meio: está-se, novamente, falando em gramáticas específicas de produção ou o domínio delas.

Outra consideração importante, a restrita bibliografia disponível que historicize, atualize, analise ou mesmo critique as práticas e produções telejornalísticas como forma de contribuir para a qualificação dos processos e produtos⁸. Mas, voltando à pauta, aliada a uma utilização restritiva e isolada do livro didático, a uma cultura de extrema valorização

⁷ Conforme declaração proferida a Antonio Brasil, em 2003.

⁸ Neste aspecto, porém, há de se ressaltar o pioneirismo e a contribuição de eventos acadêmicos que tem permitido o estabelecimento de redes de estudos e parcerias como os que acontecem no GP de Telejornalismo do Intercom e na Rede de Telejornalismo da SBPJor, apenas para citar as mais conhecidas.

da "teoria" na maioria das faculdades de comunicação e de jornalismo com as limitações em relação aos equipamentos audiovisuais, determina, igualmente, a significativa preponderância do livro para todas as disciplinas, mesmo aquelas que tenham características essencialmente audiovisuais como o telejornalismo.

Ainda nesta perspectiva de contextualização, o conhecimento adquirido e acumulado nos quatro longos anos de ensino humanístico e jornalístico são muitas vezes ignorados e a prática adquirida é considerada "insuficiente". Por outro lado, atuando como uma espécie de "complementação" às deficiências dos cursos acadêmicos superiores de Telejornalismo encontra-se os cursos profissionalizantes, normalmente dirigidos e conduzidos por profissionais "destacados" do mercado que se utilizam desta condição de "sucesso profissional" para atrair uma grande parcela de alunos de jornalismo. Esses cursos costumam ter uma duração limitada em semanas, custos financeiros altos e enfatizam a prática do jornalismo televisivo na produção de pequenas matérias e um treinamento "relâmpago" de técnicas de apresentação para televisão. A crítica que se aplica é que se confunde uma pedagogia de ensino com muita ênfase na forma e pouco cuidado com o conteúdo. Um curso de telejornalismo no na perspectiva crítica apontada Pierre Bourdieu em seu controvertido livro "*Sur la Télévision*", no estilo "fast food" ou, como exemplifica *um telejornalismo instantâneo com o mínimo de formação mas repleto de "fast thoughts"*, sem contextualizações mais profundas, como um reflexo instrucional da própria linguagem preponderante nos telejornais atuais: rápidos e superficiais. Nestes mesmos cursos super intensivos, as profissões mais recorrentes e, provavelmente, menos "glamourosas" do universo telejornalístico são pouco valorizadas e incentivadas como as especializações de produtores, pauteiros, editores de texto e imagem, arquivistas ou mesmo cinegrafistas e tantas outras que igualmente conduzem à televisão.

3. Das rotinas de produção de um telejornal universitário diário para a internet

O telejornalismo não se resume somente à produção de telejornais, mas inclui, igualmente, uma série de outras linguagens televisuais, como programas de documentários, shows esportivos e programas de debates com entrevistas, mais conhecidos como *talk shows*. Mas as tentativas de recriar na universidade as características de diversidade e de instantaneidade típicas do meio e a busca de alternativas a um modelo de televisão universitária, sempre pré-ensaiada e pós-gravada quase sempre esbarram em dificuldades

estruturais. Uma situação que parece condenar o ensino teórico exagerado, mas significativamente, menos problemático e mais cômodo em sala de aula, no qual a subutilização dos limitados recursos dos laboratórios audiovisuais, a frustração do alunos e a falta de um verdadeiro canal democrático de veiculação da produção videográfica, mais uma vez, limitam, não só o ensino de telejornalismo, mas também o desenvolvimento de novas linguagens televisuais. Talvez seja esta uma das justificativas de porque se vive um período de críticas contundentes contra a televisão e sua produção exageradamente voltada para o consumismo, o sensacionalismo e a superficialidade, inclusive no telejornalismo. Até mesmo as universidades e suas televisões insistem em ensinar e repetir as fórmulas já desgastadas de produzir e transmitir programas e notícias. Neste ponto cabe ainda outra ressalva, fruto desta conversa com Luís Carlos Bittencourt:

(...) a universidade deve testar, experimentar, mas tem que preparar o aluno para o mercado também. Nem oito nem oitenta. Mais uma vez, é o que o mercado pede. Não podemos só experimentar, ou o aluno não vai entrar no mercado.

Dessa forma, no caso do jornalismo na tevê, a tão buscada audiência cai constantemente, os jovens se afastam dos noticiários, o público telespectador de telejornais envelhece e culpamos a sociedade, o nosso tempo, os jovens de hoje e, principalmente, os professores universitários, por não pesquisarem o meio televisivo e sugerirem as respostas ou simplesmente as alternativas. Os pensadores das universidades preferem continuar repetindo insistentemente as mesmas críticas à televisão, confundindo meio com mensagem e evitando, de todas as maneiras, criar alternativas para essa televisão.

Na direção desta proposta, apresenta-se o programa TJ UFSC⁹. Um telejornal diário realizado no Laboratório de Telejornalismo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, produzido exclusivamente por estudantes de graduação em Jornalismo e que recebe, eventualmente, notícias e materiais de outras universidades estabelecendo desde os primeiros programas, uma rede de produção e exibição de materiais universitários. Fruto de dois projetos de extensão que culminam como braço de experimentação de pesquisas realizadas no Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, (GIPTele/UFSC), o programa visa proporcionar a regularidade, o cotidiano e a prática diária da produção telejornalística aos estudantes, colocando-os no

⁹ Site do programa Youtube: <http://www.youtube.com/user/jornaltjufsc>; Facebook: <https://www.facebook.com/tjufsc>.

enfrentamento de questões como o trabalho em equipe, a rapidez e o cumprimento de horários bem como a noção dos critérios de noticiabilidade na televisão. Tais preceitos são trabalhados diariamente e abrem espaço para novas possibilidades visto que os alunos têm a liberdade para experimentar e definir cada edição do telejornal.

O objetivo é informar o público alvo que é a comunidade universitária e manter o interesse dos alunos da instituição nas notícias do programa. A iniciativa é pioneira visto que são raros os cursos de jornalismo no Brasil que possuem telejornais de exibição regular diária, uma vez que, em sua maioria, a produção em telejornalismo costuma ser apenas um espaço para aprendizado teórico, sem regularidade prática, como já se apontou anteriormente. Na experiência de produção do programa, os bolsistas de extensão e os voluntários enfrentam uma rotina diária de telejornalismo, sendo responsáveis por todas as etapas de produção, desde a elaboração das pautas até a transmissão do telejornal ao vivo, no horário fixo de segunda a sexta-feira, as 17h30. Para operacionalizar, os estudantes criaram uma hierarquia de funções tal qual a das redações dos telejornais tradicionais, mas também estabeleceram uma troca de atividades, tendo a oportunidade de executar diferentes funções nas edições, tais como podem ser pauteiros, repórteres, cinegrafistas, editores, diretores de imagem, controladores de áudio e câmeras de estúdio. Muitas vezes, os alunos são verdadeiros *videorepórteres* e ficam responsáveis, sozinhos, pela produção de uma reportagem completa.

Além de aprender as técnicas e treinar habilidades, os estudantes procuram produzir jornalismo de qualidade e informar a quem os assiste. A maior parte do público do TJ UFSC é formada por universitários, e o telejornal é pautado por notícias relacionadas a UFSC e redondezas, além de outras universidades e da cidade de Florianópolis. Criar uma identidade e desenvolver uma nova linguagem em telejornalismo são, também, objetivos do TJ UFSC.

Isto porque, diferentemente do telejornal exibido diariamente nas emissoras comerciais ou no mercado profissional, o telejornal universitário é um espaço aberto ao treinamento e a experimentação de novas propostas produtivas. (BRASIL; EMERIM, 2011)

Qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode assistir ao jornal. O Laboratório de Telejornalismo da UFSC gera um link de transmissão ao vivo através do sistema de *Stream* da Universidade. As pessoas também podem acompanhar as atualizações do TJ UFSC no *Facebook*, ver *teasers*, chamadas para os próximos telejornais e assistir aos TJs anteriores, disponíveis em um canal no Youtube. Depois da transmissão e postagem, os telejornais e as

reportagens são compartilhados entre grupos de amigos. Segundo Nogueira (2005), essas ferramentas da internet oferecem dispositivos capazes de fazer a informação em vídeo circular pelo espaço navegável.

Em outras palavras, permitem que o material produzido transite pelo ciberespaço, seja através de emails que os próprios usuários trocam entre si ou nos boletins periódicos que o veículo envia aos usuários cadastrados. Esta prática transforma a notícia audiovisual em um produto dinâmico que vai até o usuário. Enquanto que na TV aberta em presença on-line e na webtv, a notícia fica estática no banco de dados e o usuário é que precisa ir até lá para acessá-la. (NOGUEIRA, 2005, p.91-92)

O telejornal, que vem sendo produzido desde o dia 19 de abril de 2012, obteve divulgação nas redes sociais e nas da própria universidade e o canal do TJ UFSC no *Youtube* alcançou quase sete mil visualizações nas trinta primeiras edições. Na trigésima edição, a divulgação da matéria principal do telejornal (um dia acompanhando as operações do BOPE SC) começou já no dia anterior, chamando também para a promoção de uma festa estudantil tradicional da UFSC. Essa edição teve cerca de 900 visualizações no *Youtube* e proporcionou um maior alcance do telejornal na internet. Antes de fechar trinta edições, o telejornal foi destaque no site da universidade pela repercussão que exibiu de um evento nacional de estudantes de relações internacionais, sediado na UFSC. O programa do dia dos namorados, veiculado no dia 12 de junho, já está em mais de 200 mil acessos e foi compartilhado por inúmeras redes sociais, programas de televisão e rádio da cidade.

Mas a estrutura propositiva do programa está em poder estabelecer uma rede de parcerias entre diferentes universidades do país. Desde o dia 15 de maio de 2012, o TJ UFSC está exibindo matérias **enviadas por estudantes de jornalismo** de outras instituições de ensino, **estabelecendo uma rede de notícias produzidas por alunos** em diferentes universidades com o objetivo de trocar material jornalístico e integrar produções universitárias de vários locais do Brasil em um mesmo telejornal. O *TJ UFSC* já transmitiu reportagens produzidas pela Universidade Federal do Pampa (RS), Universidade Positivo (PR), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ) e Universidade Santa Cruz do Sul (RS) assim como enviou seus materiais que foram retransmitidos nas unidades que tem a exibição de telejornais. Mesmo as dificuldades e limitações nas universidades, em termos de equipamentos e logística de produção, as práticas cotidianas em telejornalismo podem ser uma ferramenta importante de integração do universo universitário bem como as ações

de extensão ser um potencial elemento de construção de experiência real da profissão e integradora da comunidade interna e externa das instituições de ensino, potencializando o processo de ensino e aprendizagem do telejornalismo com a dinâmica necessária para a formação mais completa.

Produzir telejornal na internet com atualização diária é muito difícil. Ainda mais um telejornal com estudantes de Jornalismo, muitos deles ainda nos primeiros períodos, numa universidade pública e contando, somente, com muita vontade e pouquíssimos recursos. Mas, se ainda por cima a proposta for fazer um telejornal universitário com “jornalismo de verdade”, ou seja, cobrindo os eventos importantes, não só da instituição, mas da cidade, aí a tarefa é quase “impossível”. Na UFSC, apesar de todas as dificuldades, os alunos estão conseguindo equalizar as experiências e ultrapassar seus próprios limites, todos os dias, em prol de uma alternativa que possa lhes dar mais condições de competir no mercado profissional de televisão.

4. Prospecções

Essas alternativas continuam necessitando de um mínimo de apoio institucional e de um máximo de compreensão e incentivo por parte daqueles que controlam as direções do ensino superior em nosso país. Experimentação de novas técnicas de ensino para disciplinas consideradas essencialmente "práticas" não se coadunam jamais com a restrição criativa e o imobilismo institucional de caráter tímido e conservador. Ensinar telejornalismo deveria ser tão dinâmico, criativo e inovador como o próprio meio. Mas tentar ensinar telejornalismo somente com as ideias e os recursos dos saberes humanísticos existentes é condenar o ensino a ser insatisfatório e frustrante, tanto para o aluno quanto para o professor e, ainda, mais limitado, para o futuro empregador. E por falar em transmissão ao vivo, esta é uma experiência pioneira que já vem ocorrendo há algum tempo nos laboratórios da UFSC com resultados muito positivos. A responsabilidade de se fazer um noticiário em tempo real é mais uma técnica fundamental para a formação dos futuros jornalistas de televisão ou mesmo de internet. Os alunos estão, sem dúvida, tendo a oportunidade de desenvolver algumas experiências muito interessantes com esta linguagem televisiva tão importante.

A proposta de integrar a internet e suas dinâmicas de produção no processo educacional de ensino de telejornalismo implica em optar, de forma mais próxima e dinâmica, com os novos recursos tecnológicos como a multimídia e as próprias mudanças

estruturais e tecnológicas da televisão. Assim como investir na aquisição de novos equipamentos e a aplicação de novas técnicas deveria passar por uma maior valorização da educação continuada dos professores e uma maior proximidade com as realidades do mercado, pois o isolamento dos professores de telejornalismo dentro das universidades é resultado de uma completa falta de possibilidades de encontros profissionais setoriais para se discutirem os verdadeiros problemas desta área. Convive-se com a falta de parcerias junto às emissoras que controlam o mercado profissional e a inexistência de recursos didáticos apropriados e modernos, problemas que podem ser extremamente prejudiciais ao próprio futuro da televisão, do telejornalismo e, em última instância, da democracia em nosso país.

As atuais críticas da sociedade brasileira em relação à produção televisiva em nosso país procedem e carecem da discussão de alternativas viáveis. O segmento do telejornalismo brasileiro deveria considerar esta oportunidade de cobranças e críticas sociais e procurar repensar seus objetivos, sua história e sua formação técnico-profissional, não só dentro das redações das tevês, mas, também, dentro das salas de aula e dos laboratórios das universidades. Além disso, deve-se repensar o próprio sentido da "experimentação de linguagem" no telejornalismo brasileiro. Com a queda generalizada de audiência e o constante afastamento dos jovens dos noticiários, é preciso encontrar novas fórmulas para evitar um desequilíbrio ainda maior entre as características de entretenimento inerentes do meio televisivo e sua potencialidade informativa e formadora.

A universidade e as tevês universitárias poderiam ser estimuladas a trabalharem com esta experimentação laboratorial de novas fórmulas para um telejornalismo mais criativo. Na UFSC, o programa TJUFSC está galgando este caminho no campo televisivo, propondo uma alternativa às redes tradicionais de emissoras trazendo o estudante para dentro do telejornal, na produção e na audiência. A grande diferença é que qualquer aluno ou telespectador pode enviar via e-mail, *Youtube* ou *Facebook* um material para ser visibilizado pelo programa (dentro, é claro, de sua proposta editorial de telejornal universitário) e ele poderá ter o seu vídeo, sua reportagem exibida. Esta talvez seja a mais importante contribuição e aprendizado desta experiência que é a possibilidade de o espectador interagir diretamente com o programa, ser também um realizador e cujo material pode ser acessado e assistido em qualquer lugar do mundo.

Em conclusão, a universidade não deve abrir mão, tanto da formação cultural quanto da formação técnica dos jornalistas de televisão - aspectos inseparáveis da mesma educação

superior - sob pena de limitarmos essa formação à uma instrução descontextualizada dos problemas do próprio meio e das principais questões nacionais. Acreditar que televisão só se aprende fazendo dentro das empresas é desacreditar na essência do valor da educação superior em nosso país. Por isso, o TJ UFSC, ao realizar uma espécie de “guerrilha tecnológica” – produzir com o que está disponível - e urgência jornalística, fazendo com que os telejornais universitários divulguem informações e imagens tão competentes quanto às produzidas pelos profissionais. Mas o mais importante é que a matéria já está disponível para quem queira assistir, em qualquer lugar do mundo. Além de uma apuração da notícia *in loco*, os alunos tem a oportunidade de avaliar as emoções e dificuldade para se produzir uma notícia para televisão. Ao saírem da redoma de vidro das universidades, sentiram o gosto doce-amargo da nossa realidade profissional. O telejornal universitário é um recurso didático fundamental para o ensino de uma disciplina tão importante, mas é, antes de tudo, uma possibilidade de criar alternativas para quebrar o bloqueio das notícias. Além da oportunidade de assistir ao trabalho produzido por estudantes de Jornalismo e, ao contrário da grande mídia, eles exibem uma cobertura completa, extensa e competente de assuntos relevantes para a comunidade universitária e para os brasileiros. A rede dos telejornais universitários na internet já começa a entrar no ar, uma alternativa modesta produzida num futuro breve por centenas de instituições de ensino superior do país. Como diria Fernando Barbosa Lima, “nossas câmeras são os seus olhos” e, hoje, mais do que nunca, elas se voltam com muita curiosidade para mostrar o Brasil, partindo do olhar do estudante de jornalismo.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Luís Carlos. *Conversa gravada para depoimento em livro*. Rio de Janeiro: novembro de 1999.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.
- LIMA, Fernando Barbosa. **Nossas câmeras são seus olhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- NOGUEIRA, Leila. **O webjornalismo audiovisual**: uma análise de notícias no UOL News na TV UERJ Online. 2005. 224f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SQUIRRA, Sebastião. *O Ensino de Telejornalismo no Brasil, ou a hegemonia da instrução bidimensional estática num mundo tridimensional, cinética*. In: ANAIS do IV Seminário Internacional de Telejornalismo; em áudio. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. (org.). **Ciber Mídias - Extensões Comunicativas, Expansões Humanas**. Porto Alegre: Ed. Buqui, 2012.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Referências da internet
- BRASIL, Antonio; EMERIM, Cárlica. *Por um modelo de análise para os telejornais universitários*. In: Seminário Internacional de Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador.
- Disponível em
<http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf> Acesso em: 10 junho 2012
- _____. *Reflexões sobre o ensino e a produção de telejornais na universidade*. In: II Seminário Internacional de Ensino de Jornalismo. Promoção Rede Procad JOR, Universidade Tuiuti (PR), 2011, Curitiba.